

## O DESAFIO DO CONHECIMENTO

Aline Cristina da S. Lima<sup>1</sup>  
Caroline Stéphanie C. A. Magalhães<sup>2</sup>  
Sandra Maria de Assis<sup>3</sup>  
Sílvia Helena dos S. Costa e Silva<sup>4</sup>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

Trata-se de uma revisão ampliada e aprimorada do livro *O desafio do conhecimento*, de Maria Cecília de Souza Minayo, uma das autoras brasileiras mais importantes no campo das ciências sociais em saúde. É graduada em Sociologia, Antropologia e doutora em Saúde Pública. Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, onde leciona e orienta estudantes de mestrado e doutorado, e assume também o papel de coordenadora científica do Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde. Tem vários livros publicados, entre eles *Raízes da fome*, de 1986, e *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*, de 2004, ambos pela Editora Vozes, além de artigos

---

<sup>1</sup> Formada em História - Licenciatura Plena e Bacharelado - pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente cursa Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP), pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN. Desenvolve pesquisa na área de Ensino de História e Educação Profissional, com ênfase nas práticas pedagógicas (aline.prof.his@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia pela Universidade Potiguar (2004) e em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008) e Especialização em Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional pela Universidade Potiguar (2008). Psicóloga do IFRN-Câmpus Caicó e Professora do Estado do Rio Grande do Norte (caroline.magalhaes@ifrn.edu.br).

<sup>3</sup> Professora de História com experiência no Ensino Fundamental e Médio. Atuou em Escolas Públicas e Privadas na cidade de Caicó/RN. Atualmente é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil (sandra.assis@ifrn.edu.br).

<sup>4</sup> Pedagoga, servidora efetiva desde 2008 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, campus João Pessoa. Mestranda do PPGEP do IFRN/ Natal-RN. Graduada em Psicologia, pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena de São Paulo e em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nove de Julho de São Paulo. Possui Especialização em Planejamento e Gestão do Ensino-Aprendizagem pelo Centro Universitário de João Pessoa. Atividades desenvolvidas no IFPB: suporte técnico-pedagógico aos docentes, elaboração, revisão e avaliação dos projetos dos cursos da instituição, participação em: conselhos, comissões, bancas de processos seletivos docentes em concurso público, revisão de provas de concursos públicos e PSS, elaboração de manuais didáticos orientadores, grupos de estudo, oficinas pedagógicas. Experiência em gestão de recursos humanos, como psicóloga organizacional (silviahspb@gmail.com).

publicados em revistas científicas nacionais e internacionais.

Neste *desafio do conhecimento*, a autora aborda a pesquisa qualitativa, com enfoque na área social, mais especificamente no que se refere à saúde. A obra apresenta-se dividida em cinco partes. Na primeira são discutidos conceitos de metodologia, de pesquisa social, de pesquisa estratégica e dos termos qualitativo e quantitativo. No segundo momento são conceituadas e analisadas as principais correntes do pensamento: positivismo, teorias compreensivas, marxismo e pensamento sistêmico. Nas terceira e quarta partes apresentam-se os elementos necessários para a elaboração da fase exploratória da pesquisa e do trabalho em campo. Por fim, na quinta parte, expõem-se as modalidades mais frequentes de tratamento do material qualitativo. Ressalta-se que a pesquisa é um processo infinito, contextualizado e influenciado pelas transformações socioeconômicas e culturais; portanto, não se isenta de interesses, preconceitos e incursões subjetivas.

Ao ter por base as questões relacionadas à “ciência e cientificidade”, a autora realiza um resgate histórico, concluindo que o homem sempre se questionou e buscou compreender a realidade, por meio da religião, da filosofia, da arte e da ciência como instrumentos dessa procura. Entretanto, a ciência se estabeleceu como hegemônica e única capaz de responder questões técnicas que se colocaram com o desenvolvimento industrial, especialmente por ter estabelecido uma linguagem fundamental através de conceitos, métodos e técnicas para compreender o mundo, os fenômenos, os processos e as relações.

Em se tratando das Ciências Sociais, com metodologias de caráter qualitativo, apropriadas para discutir a pesquisa social em saúde, a autora compreende que a pesquisa quantitativa deve ser utilizada porque avalia a regularidade do fenômeno, e a qualitativa faz a análise das expressões humanas presentes nas relações, nos sujeitos e nas representações. Também reforça a urgência em dissolver a dicotomia entre pesquisa qualitativa e quantitativa, objetividade e subjetividade. Para tanto, desenvolve uma crítica ao positivismo, que para ela limita a realidade a fatos objetivos mensuráveis, bem como à Sociologia Compreensiva, que perde, no particular, a noção de totalidade social. Entre estas duas posturas, a dialética marxista é assumida como capaz de conter os aspectos objetivos e subjetivos da realidade, abrangendo, assim, as verdades parciais daquelas teorias.

Ao discorrer sobre as principais correntes de pensamento e seus respectivos métodos, destacam-se as contribuições essenciais de Durkheim (positivismo), Max Weber (sociologia compreensiva) e Marx (materialismo dialético) e suas diferentes interpretações do mundo. Assegura que nenhuma teoria é neutra e/ou detém o monopólio da compreensão da totalidade. Além da trindade acima citada, a autora destaca o pensamento sistêmico como algo novo que pouco a pouco vem ocupando um lugar nas pesquisas em ciências sociais e saúde.

Para o positivismo, o conhecimento deve ser objetivo, neutro, livre de juízo de valor e sem nenhum vestígio de subjetividade. Seus métodos e técnicas de pesquisa, portanto, devem ser os mesmos usados pelas ciências naturais, não cabendo ao observador/pesquisador nenhum envolvimento com o seu objeto. Embora muito criticado atualmente, o positivismo delegou à pesquisa contemporânea a prática da pesquisa empírica.

Para Minayo, o funcionalismo (corrente positivista mais usada em saúde) propõe a reprodução das condições globais da existência social de um grupo, descrevendo-as em sua complexidade, diversidade e movimento integrativo. Ao contrário de Comte (1798-1857) e Durkheim (1858-1917), os funcionalistas negam as leis gerais que regem a sociedade como um todo e não reduzem as ciências sociais à descrição de fatos observáveis.

Para a sociologia compreensiva, cuja corrente mais expressiva é a fenomenologia, os fatos humanos não são suscetíveis de quantificação e de objetivação porque têm sentido e identidade própria, o que exige uma compreensão específica e concreta. Suas bases teórico-metodológicas foram desenvolvidas por Weber (1864-1920), que, preocupado com a objetividade da investigação, propôs dois princípios metodológicos: a neutralidade de valor e a construção dos tipos-ideais (construções teóricas).

A corrente marxista tenta, de uma perspectiva histórica, cercar o objeto de conhecimento por meio da compreensão de todas as mediações e correlações. O princípio básico de sua metodologia de investigação científica é a totalidade<sup>5</sup>. Nessa perspectiva, o processo de desenvolvimento social pode ser explicado com base em dois princípios: o materialismo histórico como um caminho teórico e o materialismo dialético

---

<sup>5</sup>Cf. Minayo (2010): Uma das polêmicas acerca da contribuição da obra de Marx para as Ciências Sociais é a dificuldade de catalogá-la, pois é, ao mesmo tempo, Filosofia, História, Economia, Sociologia e Antropologia.

como estratégia metodológica. No pensamento marxista, a categoria básica de análise da sociedade é o modo de produção historicamente determinado, tendo o trabalho como categoria mediadora das relações sociais.

O pensamento complexo é um novo paradigma. Sintetiza avanços teóricos e metodológicos de várias ciências e novos rumos do pensamento social, tangenciado por profundas mudanças no chamado mundo pós-industrial ou pós-moderno. Apresenta formas alternativas de tratar o objeto de investigação, a vida, o mundo, as práticas sociais e, sobretudo, as implicações do investigador com seu objeto de pesquisa. Suas dimensões epistemológicas são a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. Abrange discussões multidisciplinares e multiprofissionais e não conflita com os recursos da ciência tradicional, propondo o exercício de um olhar e de uma abordagem diferente.

Ao analisar as abordagens compreensivas, a autora esclarece que a fenomenologia sociológica põe em relevância a subjetividade, reafirmando as categorias de conhecimentos construídas por meio da realidade social, quais sejam: o vivido e o experimentado no cotidiano e a epistemologia que investiga o mundo vivido.

Já a etnometodologia parte da descrição minuciosa do objeto e suas estratégias de investigação que dão atenção especial às técnicas de observação participante. Uma crítica que recebe é a de que não permite comparações e nem constrói cenários futuros, contentando-se em especular a realidade presente.

A abordagem interacionista ampara-se na ideia de que o comportamento humano é autodirigido e observável em dois sentidos (o simbólico e o relacional), e que estes devem ser apreendidos na investigação para que se compreenda a natureza reflexiva dos sujeitos pesquisados. O pesquisador deve substituir a sua perspectiva pela dos sujeitos pesquisados.

Ao tratar das histórias de vida, a autora afirma que as narrativas dos atores não são uma verdade, mas uma versão, e pode ser a melhor abordagem para compreender o processo de socialização, a emergência de um grupo, a estrutura organizacional, o nascimento e declínio de uma relação social e as respostas situacionais às contingências cotidianas. Deve-se lançar mão da entrevista e da observação participante, podendo-se trabalhar com biografias únicas e múltiplas, a depender dos objetivos da investigação.

No que concerne à investigação participante e à investigação-ação, ambas partem da ideia de um sujeito popular, de um projeto político, de um *locus* político e de um

investigador como ator político transformador. Diferenciam-se quanto à intervenção/transformação dos sujeitos pesquisador/pesquisado na realidade social.

Os estudos de caso utilizam estratégias de investigação qualitativa para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão. Metodologicamente, evidenciam ligações causais entre intervenções e situações de vida real.

A hermenêutica dialética faz a síntese dos processos compreensivos e críticos. A hermenêutica trabalha com a comunicação da vida cotidiana e do senso comum, e fundamenta-se em dois princípios: a experiência cultural que traz os resultados dos consensos que se convertem em estruturas, vivências, significados compartilhados e símbolos. Assim, nem tudo na vida social é transparente e inteligível, e nem a linguagem é uma estrutura completa da vida social.

A Dialética busca nos fatos, na linguagem, nos símbolos e na cultura os núcleos obscuros e contraditórios para realizar uma crítica informada sobre eles. Constitui um caminho do pensamento para fundamentar pesquisas qualitativas, cobrindo uma quase ausência de pesquisas de fundamentação marxista que levem em conta a subjetividade.

Após o diálogo com as correntes de pensamento descritas acima, a autora se detém nos conceitos fundamentais de operacionalização da pesquisa. Apresenta termos concernentes ao desenvolvimento de todo o trabalho científico, tais como: teoria, conceitos, noções, categorias e hipóteses. Além desses, a autora apresenta um roteiro para estruturação de projeto de pesquisa, e esclarece que o pesquisador, ao iniciar sua investigação, precisa ter um quadro de indagações teóricas e operacionais, que o auxiliará na próxima etapa de construção dos instrumentos e exploração de campo.

Tendo em vista a fase de trabalho de campo da pesquisa qualitativa, a autora analisa as técnicas de observação, em particular os roteiros de entrevista que orientarão a condução de uma entrevista ou uma observação participante; e a exploração de campo, que exige uma preparação teórica e metodológica. Nesse contexto, mais uma vez, a autora discute o papel do pesquisador, que precisa trabalhar com liberdade e inteligência para reconhecer as diferentes técnicas como guias, podendo ser capaz de abandoná-las quando necessário e criar outras. A criatividade é estimulada e integrada à técnica, como uma associação importante para uma boa pesquisa.

A autora define que campo é o recorte espacial que diz respeito à abrangência,

em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação. Assim, sujeito e pesquisador interferem dinamicamente no conhecimento da realidade, daí a ausência de neutralidade.

No caso de se trabalhar com entrevistas, são apresentadas as seguintes técnicas: sondagem de opinião, entrevista semiestruturada, entrevista aberta ou em profundidade, entrevista focalizada e projetiva. Quando se analisa esse tipo de fonte, é preciso incorporar o contexto de sua produção e, se possível, complementar com informações da observação participante.

A entrada em campo é permeada por problemas de identificação, obtenção e sustentação de contatos e informações, assim como a saída do campo merece cuidados que envolvem questões éticas e de prática teórica.

Para a autora, a observação participante pode ser considerada parte presencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa, sendo considerada uma estratégia no conjunto da investigação e um método em si mesmo. O debate teórico, empreendido pela autora, sobre o conceito de observação participante perpassa pelos autores: Malinowski (1984), Radcliffe-Brown (1958), Shutz (1979), Cicoure (1969), Raymond Gold (1958), Lévi-Strauss (1975)<sup>6</sup>. O consenso é que existe a necessidade de o pesquisador relativizar o seu espaço social, aprendendo a se colocar no lugar do outro, posto que a proximidade com os interlocutores, longe de ser um inconveniente, é uma virtude.

No campo e durante todas as etapas da pesquisa, tudo merece ser entendido como fenômeno social e historicamente condicionado: o objeto investigado; as pessoas concretas implicadas na atividade; o investigador e seu sistema de representações teórico-ideológicas; as técnicas de pesquisa e todo o conjunto de relações interpessoais e de comunicação simbólica.

Partindo desse pressuposto, o pesquisador adentra na etapa de análise do material qualitativo com a premissa de que é necessária a superação da análise espontânea e literal dos dados, que, segundo a autora, é um dos obstáculos enfrentados pelo investigador, somando-se à dificuldade de unir as descrições ou opções metodológicas com a análise do campo e objeto de trabalho.

---

<sup>6</sup>. Citados por MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. - São Paulo: Hucitec, 2013.

Como saída a essa problemática, Minayo apresenta três modalidades para análise de dados: a análise de conteúdo, a análise de discurso e a análise hermenêutico-dialética. Na primeira, a atenção é voltada para o conteúdo manifesto, suas regularidades e significações. São levados-se em consideração os sentidos semânticos relativos aos significantes do discurso e os sentidos sociológicos, além de variáveis psicossociais, contexto cultural e processo de produção da mensagem.

Em relação à análise do discurso, há uma articulação entre três áreas do conhecimento: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso. Nesta concepção, o sentido das palavras é constituído historicamente e expressa posições ideológicas, portanto, mais do que compreender os significados lexicais do discurso, é preciso entender em que contexto ele foi produzido. Atribui, assim, importância tanto ao discurso ou texto em si, quanto aos silêncios que são, ao mesmo tempo, ambíguos e eloquentes.

A análise hermenêutico-dialética, em síntese, constitui o processo de subjetivação do objeto e objetivação do sujeito, que geralmente são reduzidos à relação quantitativo/qualitativo. Nesta percepção, a quantidade e a qualidade têm a mesma significação. A hermenêutica dialética fornece as bases para a compreensão do sentido da comunicação, por meio da intersubjetividade.

Outro aporte, igualmente importante para o tratamento dos dados, é a triangulação, processo no qual os conceitos são oriundos de diferentes áreas do conhecimento, cooperando para a superação da dicotomia quantitativo/qualitativo. Para a realização de uma análise na perspectiva da triangulação, é preciso a formação de um grupo híbrido quanto às áreas de conhecimento, que apresentem competência disciplinar. Os dados sociais são em si complexos e imbuídos de incalculáveis interações e de inter-retroações e, portanto, exigem diferentes olhares e suportes teóricos para a apreciação.

Sobre a validade e verificação em pesquisa qualitativa, a autora ressalta a necessidade de maior cientificidade da produção intelectual, cujos critérios são a coerência, consistência, originalidade e objetivação. Deve-se ter em mente que a verdade na pesquisa é sempre provisória, e que, pela própria dinâmica da busca pelo conhecimento, está sempre sujeita a renovação. Para tanto, baseada em Kirk e Miller (1986)<sup>7</sup>, apresentam-se três categorias de validação dos resultados de uma pesquisa: a

---

<sup>7</sup> Citado por MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed. São

quixotesca ou meramente repetitiva, quando um mesmo instrumento gera sempre o mesmo tipo de informação; a diacrônica, que acompanha a estabilidade de um objeto de estudo na linha do tempo; e a sincrônica, pelo uso simultâneo de vários instrumentos de observação.

Com base no exposto, percebe-se que, este livro, embora focalize aspectos da pesquisa qualitativa no âmbito da saúde, seus conceitos e princípios aplicam-se, seguramente, à pesquisa educacional. Trata-se de um manual denso e essencial para a fundamentação das diferentes etapas de uma pesquisa social.

*O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* é um livro que, além de fornecer instrumentos para a abordagem qualitativa no campo da pesquisa social em saúde, também incita a reflexão sobre a pesquisa social em outros campos. Sua leitura é recomendada para pesquisadores de qualquer área de conhecimento, incluindo-se nesta os que constituem atualmente o campo da educação profissional.